do Colégio de França, onde ocupa a cadeira de História da civilização moderna. Sua tese sôbre o Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II teve um sucesso internacional e acaba de ser reeditada. Êle dirige a VI Secção da Escola Prática de Altos Estudos e a revista Annales (Économies, Sociétés, Civilisations), fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, bem conhecidos de todos os historiadores.

A obra apresenta ainda 200 ilustrações tiradas muitas vêzes de arquivos não explorados ainda: pranchas coloridas e em preto e branco, desenhos a traço, mapas e gráficos evocando duma maneira agradável as flutuações da vida muterial durante quatro séculos.

M.R.C.R.

LIVERMORE (H. V.). — A New History of Portugal. Cambridge, At the University Press, 1969.

A New History of Portugal não apresenta problemática original, pois limita-se a uma narrativa da História de Portugal desde as suas origens até os tempos atuais...

O autor, que é professor de Português e Espanhol da University of British Columbia em Vancouver, Canadá, tomou como base de suas reflexões a vida do grupo social, pois acha que a história de uma nação está calcada na história da sociedade. Éle dá maior importância aos aspectos políticos do que aos econômicos, considerando os primeiros como básicos para o estudo de qualquer época da História. Ora, para a sociedade, todos os períodos são importantes, embora possam ser diferentemente inetressantes para certos historiadores ou leitores.

Livermore, conforme êle próprio esclarece, fêz suas pesquisas em língua portuguêsa, pois conhece nosso idioma; tendo morado em Portugal, interessou-se por sua história. Seu livro é sério, bem escrito e documentado, embora tenha um caráter mais descritivo que interpretativo.

Sente-se que se tem em mãos obra de síntese e não específica. O 1º capítulo é uma Introdução em que Portugal é situado geogràficamentee. A partir daí inicia-se a História de Portugal, com o 2º capítulo, que é intitulado de: "As origens de Portugal" e vai até a Reconquista, sendo bastante sucinto, embora enfatize um pouco mais a Pré-História e o Reinado dos Suábios. Segue-se uma série de capítulos, didàticamente os principais períodos da História Portuguêsa: a "Monacquia Agrária" que vai desde a fundação de Portugal até 1383 quando cai a dinastia de Borgonha; seguindo-se-lhe a "Casa de Avis"; "A Monarquia Renascentista", que é bem valorizada por se tratar do século XVI, de importância decisiva para a História de Portugal; nesse capítulo são feitas várias referências ao Brasil. A primeira delas quando fala das viagens de descobrimento e, especificamente, sôbre o reinado de D. Manuel I. Ocasião em que descreve a viagem de Pedro Álvares Cabral, a chegada dos portuguêses ao nosso país, o que encontraram, os primeiros nomes dados à nova terra, etc. Continuando a série de capítulos temos ainda: "Os três Filipes" que trata do "Domínio Espanhol", a "Éra do Absolutismo", "A Guerra Peninsular". Tôda essa parte é mais resumida. A parte mais trabalhada é a que diz respeito aos séculos XIX e XX, pois pouca coisa foi escrita em língua inglêsa sôbre êsse período. Assim, temos: "A implantação do Liberalismo" em que faz novas referências, embora não muitas, sôbre Pedro I que, como se sabe, é o Pedro IV de Portugal. Enfatiza sua abdicação em favor de seu filho, o futuro Pedro II e antes, a sua renúncia ao trono de Portugal em favor da sua filha Mavia da Glória, Maria II de Portugal, cuja causa defendeu pessoalmente, na luta contra seu próprio irmão Miguel, que tentou usurpar-lhe o poder. Os últimos capitulos abordam ainda: "A Monarquia Constitucional", e "A República" abrangendo os acontecimentos dêsde o govêrno provisório até os nossos dias. Abordagens que, por sua atualidade, têm também mais interêsse.

Poderíamos fazer algumas restrições à obra de Livermore. Uma celas seria a apresentação de ilustrações ao final do livro. Teria sido melhor se o autor as tivesse colocado no decorrer do assunto abordado, o que facilitaria a compreensão. Note-se também, que as legendas deveriam ser mais elucidativas como nos livros didáticos de Mallet-Isaac.

A bibliografia, apesar de bem feita, dividida por períodos, não apresenta distinção entre os períodos e obras de referência. Sôbre o Brasil não há, por razões que se desconhece, obra nenhuma citada. Dada a estrutura do livro, in punha-se incluir, dentre outros — Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda, e o Esmeraldo de Situ Orbis, de que existem traduções em outras línguas, inglês, espanhol, francês e principalmente o livro do Prof. Joaquim Barradas de Carvalho, editado em 1968, como um dos volumes da coleção da Revista de História.

Ainda devemos salientar a falta de um índice alfabético ao final do livro, poucas notas de rodapé e mais uma vez, a falta de legenda claras nos poucos mapas reproduzidos.

CAMILA FORJAZ CHRISTIANO DE SOUSA

* *

PARR (Charles McKew). — The Voyages of David de Vries. Navigator and Adventurer whose writings reveal why the Dutch lost America to the English. Thomas Y. Crowell Company. New York. 1969. 304 páginas e 24 ilustrações. US\$ 8.95.

A primeira metade do século XVII foi marcada por uma das maio es lutas da história quando a Inglaterra agressivamente tentava ganhar um império nas Américas à custa da Holanda. No centro desta luta, que o fim auxiliou a delinear a forma do mundo moderno, estava David De Vries, um extraordinário capitão holandês, mercador e aventureiro. Sua vida e fortuna, contada aqui vivamente por Charles McKew Parr, mostra o motivo dessa luta em têrmos dramaticos e proporciona um exame acurado das razões da aparente inabilidade dos holandeses em suportar a ameaça inglêsa.

David De Vries, nascido em 1593 de família de marinheiros, pareceu desde o princípio destinado a uma vida de grandes aventuras. Com a idade de vinte e três anos foi capitão de seu primeiro navio, numa viagem aos locais holandeses de pesca de baleias perto do Círculo Ártico. Em 1618 navegou numa missão mercante no Mediterrâneo, onde experimentou o gôsto de uma batalha, pela primeira vez, derrotando três galeras turcas. Durante a década de 1620, os empreendimentos de De Vries incluem a derrota de Solomon Reis, almirante holandês renegado que liderava piratas bérberes, serviço que executou tanto para os católicos como para os huguenotes, durante o conflito religioso que dividiu a França no reinado de Luís XIII; a sua carreira meteórica nas Índias Orientais Holandesas, onde serviu